

# 1

## Prólogo

# 1

‘Na sala, bela mobília de jacarandá rosado – medalhão e palhinha – mesa de mármore central, dunquerque com jarros de porcelana cheios de flores também de porcelana, tudo recoberto por redoma de cristal. Na parede, os retratos de meus avós por Vienot, à época do casamento. Em cima, só esta sala era forrada...’

Pedro Nava, Baú de ossos.

Um devaneio funcionalista pelo ato de morar e suas implicações nos leva a pensar que um dia o *homo sapiens* levou até sua caverna uma pedra para servir de mesa, uma tora de madeira para um banco. Depois de ter suprido essas “funções”, a dona da casa colocou um vasinho de flores ou um galho de alecrim. Mas quem nos disse que a ordem da colocação dos objetos foi essa? Não teria sido o galho de alecrim o primeiro objeto a ser usado?

Este devaneio é resultante, claro, da mescla das afetivas imagens geradas pelos desenhos animados e filmes da televisão sobre a Pré-história, em confronto com os dogmas gerados pela escola Moderna Funcionalista e, talvez, nossa tendência cartesiana no pensar, de onde “bebeu” o Movimento Moderno. Idéias que incidiram sobre nós, cidadãos modernos, e principalmente sobre a grande maioria de Designers, Arquitetos e Decoradores dos tempos atuais. Assim, no exercício da profissão, aconselho os clientes que entram nos seus apartamentos novos sedentos por organizá-lo, um exercício prévio acerca do que realmente considera mais urgente realizar. Acredito que a primeira coisa a ser feita para o bem estar, ao contrário dos armários (“pedras ou toras”), seja pintar a casa de um jeito aconchegante, com cores de preferência do usuário, ainda que refaça a pintura nova. Que ponha seu “galho de alecrim” e depois parta para a instalação de mesas, sofás ou qualquer objeto de importância menor mesmo que subverta as convenções de ordens.\*

Este impulso de posicionamento em contra fluxo da já tão estabelecida ordem projetual - primeiro o móvel, depois o adorno - surgiu da análise empírica dos discursos de diversos clientes no trajeto da idealização até a conclusão de seus espaços domésticos. Essa experiência foi vivenciada ao longo de dez anos exercendo a profissão de arquiteta e trabalhando com Design de móveis e interiores na década de 90. Da observação dos ambientes iniciais (antes de serem reformados), do discurso do proprietário, e das não tão diferentes formas dos ambientes finalizados, e diante de algumas elucubrações, surgiu a vontade de pesquisar mais fundo por onde caminham os desejos dessas pessoas, que claramente pensam seus espaços domésticos como concha protetora intimamente relacionada com sua individualidade e identidade.

\*Normalmente, numa intervenção sobre uma sala, como primeiro passo se dá a alteração de paredes, mudanças de pontos elétricos, estantes e divisórias ou forro de gesso (o que não criticamos logicamente pela característica do trabalho ligada à impossibilidade de morar confortavelmente nesta etapa); em segundo momento a compra de luminárias fixas, sofás, poltronas, mesas; e por fim, objetos de adorno como tapetes, quadros, esculturas, porta-retratos, dentre outros.

Verificam-se, desta experiência, dois tipos de dificuldade por parte deste cliente, em conceituar seu ambiente. O primeiro se dá pela falta de conhecimento técnico a respeito do assunto e tudo que envolve o estudo especializado em arquitetura. Mas este não é o motivo da inquietação que originou este trabalho. O segundo tipo de dificuldade, e este sim é o foco da análise, é a de organizar o seu gosto diante das inúmeras possibilidades de formalização do ambiente. Existe dificuldade, na maior parte dos casos, de estabelecer parâmetros de gosto quando se trata da estética dos espaços a projetar, ao contrário dos ideais 'funcionais', que se ajustam ao raciocínio do cliente com poucas reuniões ou entrevistas. Melhor dizendo, há dúvida e cuidado por parte deste cliente, na tentativa de tornar claros os seus desejos, há confusão misturada a uma vontade rígida de acerto imutável, ao traduzir em imagem suas necessidades íntimas.

Há uma ressalva a fazer, que se refere a um posicionamento menos autoral por parte do profissional sobre o projeto, onde o cliente interfere na concepção do mesmo. Assim, as dificuldades apresentadas no parágrafo anterior só são detectadas quando se pretende uma relação mais participativa do cliente com o projeto, quando do profissional não é desejado um 'pacote pronto' e sim o auxílio na realização do desejado. É claro, também, que houve clientes, poucos, que já vinham com modelos preestabelecidos sólidos, com real ou aparente segurança em relação a que estilo de ambiente adotar, ou que não queriam pensar uma solução para o espaço deixando-o ao encargo exclusivo do profissional. Como também os que desejavam o 'status' de um ambiente feito por um profissional ou a 'grife' de um ambiente assinado por um profissional reverenciado pelo meio. Mas estes também não se inserem diretamente no contexto inicial de abordagem, mesmo que posteriormente, no decorrer desta pesquisa, tenham se tornado valiosas peças, no que tange á uma pesquisa pós-ocupação, onde o entrevistado compara involuntariamente seu ambiente ideal com o atingido.

A segunda verificação é a da freqüente existência de um perfil de cliente cuja natureza é de resistência. Esse cliente, que teve mais dúvidas no percurso da elaboração de seu ambiente desejado, é o que demandou mais tempo de trabalho profissional, e não por acaso, incitou mais reflexões acerca do tema desta dissertação. É o que mais resistia a modelos prontos, apesar de vir com recortes de revistas, lembranças de ambientes de novelas ou filmes. Também, não por acaso, era o que trazia mais claramente questões de identidade e personalidade para debate, mesmo que de forma inconsciente; enfim, o que queria o diferente, mesmo que o resultado final não estivesse muito distante de velhas formas conhecidas.



Figura 01



Figura 02

Destas duas imagens (ver figura 01 e figura 02) podemos extrair o resumo do que foi citado acima. A primeira imagem (ver figura 01) ilustra a sala de uma pessoa cujo perfil se assemelha ao perfil de clientes que têm por atitude comum pedir auxílio profissional tendo em vista "modelos prontos" de decoração. Também faz parte de seu comportamento deixar completamente a elaboração do seu ambiente ao encargo do profissional, seja por insegurança ou por acreditar receber do profissional o mais próximo do desejado. São, resumidamente, ambientes muito próximos de uma linguagem Modernista. Utiliza peças 'de design' na composição que se mantém fixa, como um quadro terminado. O ambiente todo se apresenta como um único objeto de design e qualquer movimentação dos seus elementos para outros locais concorre para um desconforto visual. Neste caso, em particular, foi solicitado ao profissional a determinação de todos os acessórios e inclusive qual foto de família, ou quais os familiares, seriam expostos nos porta-retratos.

A segunda foto (ver figura 02) é da sala proveniente de árduas sessões de entrevistas e longas caminhadas em busca de cada peça exibida. Ao contrário da primeira, está sempre em construção mesmo quando findada a decoração. Não tem semelhança exata com nenhum modelo estilístico pré-definível apesar de percebermos uma ideologia mapeável, que se conforma pelo uso de objetos de arte ou artesanato misturando-se com móveis ou utensílios de alta tecnologia. Muitas vezes se utiliza da mistura de estilos e formas característica do estilo pós-moderno atual. Enfim, quem de nós nunca se deparou com estes dois modelos de arrumação e o viu reproduzido em tantos outros espaços?

É fácil ver que se trata de dois estilos de salas diferentes independentes da classificação de estilo ou o que vem a ser 'estilo'. O primeiro ambiente (figura 01) deixa transparecer claramente a idéia de refinamento, modernidade - no sentido de atualidade, elegância, rigidez na arrumação, vê-se que cada peça está milimetricamente

disposta -, e uma sensação é unânime em relação a ela: “*parece com uma loja*”, assim foi a opinião de algumas pessoas ao vê-la em foto nos primeiros momentos desta pesquisa. Já a segunda foto despertou a sensação de familiaridade, “*esta é uma casa de verdade*”, e lhe foi atribuída a qualidade de ‘rústica’, pela existência de peças de artesanato. Estes são dois exemplos de conformação de salas que se repetem nas suas características básicas, incluindo as sensações que podem evocar. Pois bem, o que faz com que uma e outra sejam sentidas das formas acima mencionadas? Por que “casa” e por que “loja”? Como construímos esses ambientes e o que queremos? Este foi o ponto de partida, o início.